

Uma alternativa cidadã: A visão de estudantes de um curso Pré-Vestibular Popular

A citizen's alternative: The view of students of a Popular Pre-Vestibular course

Ketlyn Correia Garcia¹, Tania Denise Miskinis Salgado^{1,2}

¹Programa de Pós-Graduação em Ciências: Química da Vida e da Saúde (UFRGS)

²Instituto de Química (UFRGS)

*kettycorreia@gmail.com

Resumo

Este trabalho investiga a visão dos e das estudantes de um curso pré-vestibular popular (PVP) sobre a sua realidade, se este espaço contribui de alguma forma para o entendimento do papel de cada um desses indivíduos na sociedade. Por meio de questionários, que foram analisados qualitativamente, identificamos o quanto a internet está presente na vida destes estudantes e também o quanto os PVP's são procurados por terem baixo custo. As histórias de vida mostram que estas e estes estudantes são oriundos das camadas mais populares da sociedade e que buscam o acesso à universidade para mudar a sua realidade. Além disso, podemos ver que a reflexão sobre a sua realidade na sociedade e seu papel como cidadão afloram em espaços como este, trazendo à tona uma mudança de realidade através da educação, que é um dos princípios pregados por Paulo Freire.

Palavras chave: Educação popular, Curso pré-vestibular popular, Projetos não tradicionais de Educação

Abstract

This work aims to search the view of the students of a popular pre-vestibular course (PPV) about their reality, if this space contributes in any ways of the understanding of the role of each of these individuals in society. By means of questionnaires, which were analyzed in a qualitative way, we perceive how much the internet is present in the life of these students and also how the demand for PPV's are great because of their low cost. Life stories show that these students come from the most popular strata of the society and seek university access to change their reality. In addition, we can see that reflection about their reality in society and their role as a citizen surface in such spaces, showing a change of reality through education, which is one of the principles preached by Paulo Freire.

Key words: Popular Education, Popular pre-vestibular course, Projects for non-traditional education

Introdução

A busca por direitos iguais no Brasil é histórica nas camadas populares, sendo possível identificar movimentos de organização e reivindicação em torno de vários eixos, como direitos das mulheres, indígenas, raciais, à alfabetização, à educação pública entre outros. Aqui nos centraremos em discutir o acesso ao Ensino Superior.

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) mostram um grande crescimento no número de matrículas no Ensino Superior em duas décadas (INEP, 2016, apud SILVA et al., 2016). No decênio 1994-2004, houve crescimento superior a 3 milhões de vagas e, no decênio 2004-2014, crescimento superior a 2 milhões de vagas. Este crescimento, observado tanto em instituições públicas quanto privadas de ensino superior, pode ser atribuído a inúmeras políticas públicas e programas, como o ProUni (Programa Universidade para Todos) e o FiES (Fundo de Financiamento Estudantil), que possibilitaram a entrada na Universidade de jovens mais vulneráveis socialmente, com renda igual ou inferior a um salário mínimo, negras(os) e indígenas. Entretanto, a competição por uma vaga no Ensino Superior ainda envolve vestibulares ou então nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Como alternativa para jovens de baixa renda, surgem os cursos Pré-Vestibulares Populares (PVP), que buscam diminuir a disparidade nestes exames de seleção, pois muitos outros jovens têm possibilidade de pagar um curso pré-vestibular privado e/ou uma escola particular e se preparar melhor para as provas, se comparados a alunos da rede pública.

O objetivo deste trabalho é investigar a percepção das(os) educandas(os) sobre o espaço educacional de um PVP: o Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC). Buscaremos analisar quais as suas contribuições para a formação das(os) educandas(os). Tal projeto possui mais de 15 anos de existência e não visa só o ingresso de jovens no Ensino Superior. Atua também na formação de educadoras e educadores, na formação de cidadãos críticos e possui diversos projetos associados que podem colaborar para o debate da educação popular.

Pressupostos Teóricos

Falar sobre Educação Popular nos remete a Paulo Freire (1921-1997) que refletiu sobre sujeitos colocados à margem da sociedade capitalista. Tais sujeitos seriam detentores de um conhecimento não valorizado, excluídos socialmente por um “sistema de conhecimentos tradicionais” já colocados pela elite (FREIRE, 2016). Freire mostra a importância de uma educação voltada para o povo e construída pelo povo, pois somente assim teriam a visão de sua própria realidade e isso ultrapassaria qualquer fronteira social e histórica já colocada por grupos hegemônicos (MACIEL, 2011). Mas Freire não escreveu suas obras apenas para os grupos oprimidos e à margem da sociedade, como às vezes sugerem interpretações ingênuas de sua obra, mas sim para todos que observam a situação de desigualdade e que lutam ao lado dessas pessoas. Sendo assim, um grupo de educadoras e educadores sociais também podem e vão usufruir de suas ideias (GADDOTTI, 2012).

As obras de Paulo Freire e seu pensamento estão no cotidiano do PEAC, pois os educadores voluntários trabalham com trabalhadores(as) provenientes de famílias humildes, que não tiveram oportunidade de estudar, pois tiveram que trabalhar desde cedo. Esses educandos são oprimidos socialmente não só pela sua classe, mas pela sua cor, sua origem não europeia, suas vestimentas, seu gênero ou sexualidade que não se encaixam no padrão heteronormativo, suas necessidades especiais que foram desconsideradas pelo ensino regular,

ou seja, pela sua história e sua origem. Estes jovens adultos, muitas vezes, não se encaixaram nos padrões de ensino regular, o que leva os educadores a adotar uma metodologia de trabalho diferenciada, contemplando, além das necessidades educacionais deste grupo, também necessidades psicológicas e financeiras, por exemplo.

Segundo Carvalho (2012), a construção da identidade dos integrantes de um dado espaço não se dá somente pela gama de sentidos e percepções sobre si, mas também, dos demais, do ambiente social onde este indivíduo está inserido. Neste sentido, os ambientes educacionais são um espaço de construção de conhecimento, de comunicação, de relações, de práticas. A análise da construção de identidade neste artigo busca compreender a visão que os estudantes têm sobre o espaço educacional, busca elementos em sua história que nos façam refletir sobre como podemos interagir com estes alunos e também, sobre como projetos educacionais como PVPs podem modificar a visão sobre o seu papel na sociedade.

História

O PEAC surgiu de outra iniciativa de educação popular, o Projeto Zumbi dos Palmares (PZP). No ano 2000 houve 140 pessoas interessadas em participar do PZP e que se encaixavam nos critérios socioeconômicos analisados, mas havia apenas 40 vagas. Sem possibilidade de expansão, foi criado um novo espaço de educação popular junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para atender essa demanda. Assim, com apoio do Instituto de Física da UFRGS, nasce o PEAC, que seguiu os princípios do PZP, mas com total autonomia em relação a ele. Até o ano de 2004 o PEAC funcionou sem vínculo oficial, utilizando espaços cedidos. Em 2005, com a demanda pela carteirinha escolar (para pagamento de meia passagem no transporte público) e pela oficialização da cedência de espaço pela UFRGS, o PEAC se torna um Projeto de Extensão coordenado por um servidor do Instituto de Física¹. O PEAC funciona com outros projetos de extensão associados, como o Laboratórios Abertos por exemplo.

Atualmente o PEAC tem 6 turmas de cerca de 56 estudantes, mais de 90 educadores e educadoras voluntários e 6 bolsistas de extensão, ex-estudantes do PEAC que ingressaram na UFRGS e que trabalham no apoio administrativo ao curso. As reuniões do grupo de educadores e educadoras ocorrem uma vez ao mês para definição das pautas de organização. Os estudantes pagam uma pequena taxa de matrícula (se comparada aos pré-vestibulares tradicionais), referente exclusivamente aos custos do material didático¹.

Metodologia

A metodologia deste trabalho é de natureza qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), pois está centrada na compreensão do fenômeno social, de acordo com a perspectiva dos próprios participantes. A primeira autora deste trabalho está imersa no fenômeno estudado, pois é ex-estudante do PEAC e há 7 anos atua como educadora neste PVP. A coleta dos dados se deu por meio de um questionário *online* com educandas(os) que estavam estudando no PEAC no ano de 2017. Ao se transcrever suas respostas, serão identificados por E1, E2, E3... O questionário continha um termo de consentimento livre e esclarecido e 5 questões de resposta aberta e foi respondido por 23 pessoas (cerca de 10% dos estudantes do projeto). Nas transcrições das respostas, foi mantida a grafia dos próprios estudantes, mesmo quando continham erros de ortografia ou gramática, respeitando-se assim suas realidades.

¹ Tais informações estão contidas no Blog do PEAC, disponível em: <<https://alternativacidada.blogspot.com/p/quem-somos.html>>

Resultados e discussão

As questões e respectivas respostas serão discutidas, a seguir, na ordem em que apareceram no questionário.

Questão 1: Como você soube do PEAC?

Apenas 4 pessoas souberam do projeto pela internet ou buscando informação em sites. As outras respostas mostraram que a divulgação do projeto ocorre principalmente por amigas(os), parentes e pessoas próximas aos cidadãos. Ou seja, apesar de ser relativamente comum o acesso rápido à informação, o contato e o diálogo com pessoas próximas é muito relevante nesse meio, possivelmente porque muitos educandos podem não ter acesso à internet.

Questão 2: Em que ano você entrou no PEAC?

A maioria dos respondentes (13 estudantes) ingressou em 2017, 6 estudantes ingressaram em 2016 e 4 em 2015. Portanto, há muitos educandos retidos no curso, provavelmente porque não aprovaram nas seleções de ingresso do ano em que entraram, visto que o acesso ao ensino superior ainda é difícil, principalmente para cursos com alta densidade candidato/vaga.

Questão 3: Porque você quis cursar o PEAC?

Nas respostas, algumas expressões se repetem frequentemente como: “*Para entrar na Universidade*” e “*Pelo preço*”. BARR (2012 apud CARVALHO 2015) afirma que a educação altera as vidas sociais e econômicas de um país e também individualmente. Pessoas com nível superior completo conseguem melhores empregos, melhores salários e estabilidade financeira para si e sua família. Já o “preço” se refere ao baixo valor da taxa, quando comparada a um curso preparatório particular, cujas mensalidades são altas para o orçamento familiar dessas pessoas.

Mas algumas respostas ampliaram as anteriores: “*De início, por ser um curso gratuito, mas depois de alguns meses no curso, eu passei a amar fazer parte do projeto, pois além de ser uma forma de ingressar na faculdade, ele apoia ideais nos quais eu acredito*” (E 23). Este(a) estudante ingressou no PEAC em 2016. É possível ver que, para além do preço do curso e do ingresso no Ensino Superior, o projeto tem ideais que tocaram emocionalmente esta(e) estudante e isto é um dos pilares principais deste curso, educar para que também tenham consciência de sua situação e de sua história. Assim como já manifestava Paulo Freire em suas obras, pretende-se alcançar uma educação voltada para a formação de cidadãs e cidadãos críticos.

Questão 4: Comente um pouco sobre sua história de vida (Onde você nasceu, condição financeira, onde estudou)

Nesta questão, queríamos conhecer a realidade dos estudantes do projeto. A seguir, transcrevem-se, literalmente, algumas destas histórias:

Nasci em Porto Alegre moro em Alvorada [...] meus pais são de família humilde, minha mãe veio do interior de Santa Cruz para Alvorada aos 18 anos, não concluiu o ensino fundamental, sua profissão é de empregada doméstica desde os 20 anos, meu pai veio do interior de Santa Catarina aos 25 anos em busca de oportunidades, não concluiu o ensino fundamental, sua profissão a mais de 20 anos é de Zelador. Tenho 6 irmãos [...] eu sou a única que está buscando realizar o sonho de se formar [...] E só esse ano

descobri o PEAC, que abre as portas e acolhe as pessoas de uma maneira inestimável. (E 18)

Nasci em Alvorada, tenho 5 irmãos, meu pai se separou da minha mãe em 2003, e desde lá minha mãe sustentou a gente sozinha, pois ele não dava pensão, foi um período difícil [...] hoje moro com duas irmãs mais novas. Minha mãe é doméstica não tem carteira assinada, eu preciso trabalhar para ajudar em casa e não tem condições de pagar uma faculdade, e eu acredito que todos nós da classe mais desfavorecida temos o direito de estar em um ensino superior. Eu quero estar na faculdade ano que vem. (E 7)

Sou de Porto Alegre. Meus pais tiveram minha irmã e eu jovens e sem estrutura, mas sempre tivemos ajuda dos familiares [...] Sempre estudei em escola pública, e a 3 anos me formei e até hoje não consegui um emprego. Estou lutando para mudar isso e sei que com uma caneta e força de vontade, posso ir longe e ajudar quem precisa. (E 9)

Nestas respostas, identificamos famílias compostas por muitos membros, em que a maioria não concluiu ou deu prosseguimento em seus estudos por terem de trabalhar e auxiliar no sustento familiar, ou lidar com o desemprego. O acolhimento, o apoio, e a escuta são aspectos discutidos frequentemente pelos membros deste projeto, pois acreditam que assim estarão contribuindo para diminuir as chances de evasão do curso.

Estas respostas nos fazem perceber, também, que nós educadoras(es) não precisamos conscientizar estas pessoas sobre sua realidade, elas já têm esta consciência. Paulo Freire fala sobre os oprimidos terem consciência de sua opressão, mas que tal visão se encontra prejudicada, uma vez que estas pessoas estão condicionadas pela sua vivência. Assim, muitos oprimidos tendem a serem opressores, já que isto se torna um “ideal” segundo sua realidade, “Daí esta quase aberração: um dos polos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação como o seu contrário.” (FREIRE, 2016). Ou seja, ao invés de educarmos apenas para conscientização, devemos instigar estas pessoas a buscarem seus sonhos e a lutarem por seus direitos.

Assim, o projeto atua em duas frentes: Como ensinar para equiparar o acesso à Universidade e, ao mesmo tempo, instigar estes estudantes a lutarem? Como educadora em Ciências Exatas, a primeira autora deste trabalho se faz constantemente uma pergunta: Como tornar a Educação em Ciências algo crítico? Acredita que a História e Filosofia da Ciência e a abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) podem auxiliar a criar propostas educativas críticas. Uma futura intervenção no PEAC buscará aportes nestas duas vertentes para embasar uma unidade didática interdisciplinar, a ser analisada em outro trabalho.

Questão 5: Neste tempo que você está no PEAC, este projeto já contribuiu para algo em sua vida? Se sim, cite alguns exemplos.

Pretendíamos investigar se os estudantes observaram mudanças em sua vida, mesmo estando no curso há poucos meses. A seguir, algumas das respostas:

Sim, muito. Como ser humano e como estudante. Você se sente incluído e que você pode sim, além de conviver com pessoas de diversos tipos de pensamento de personalidade que me fez abrir ainda mais a mente. Por se tratar de um projeto que busca direitos acho que contribuiu para meu pensamento crítico também. (E 18)

Sim. As aulas trouxeram reflexões sobre assuntos importantíssimos para a vida em sociedade. E acrescentou demais em conhecimentos para o vestibular. (E 5)

Sim! Posicionamento político, me tornei uma pessoa muito mais aberta à críticas construtivas e ainda em processo de desconstrução sobre coisas que a sociedade machista, elitista, patriarcal e branca impõe mesmo sem nos darmos conta. (E 11)

Com certeza. Na troca de experiências, por exemplo. Diversas aulas os alunos tiveram espaço para falar de histórias, trocar ideias e até mesmo a sua origem [...] Um colega haitiano pôde relatar a história do seu país, contribuindo bastante para a aula ficar mais interessante. (E 17)

As respostas mostram que estas pessoas veem sua situação e encontram-se em um processo de desconstrução, de observar a realidade e se desfazer de algumas ideias e criar outras. Apontam crescimento pessoal, escutar ao próximo, compreender sua realidade e lutar por direitos. Freire (2016) diz que a mudança não vem dos opressores, vem dos oprimidos que se libertam e irão libertar os opressores em um gesto de amor, não somente falando a quem oprime, mas dialogando com seus semelhantes, ouvindo ao próximo.

Cabe refletir, a partir das respostas dessa questão, que o papel da escola na vida do estudante é o de uma instituição primordial para o desenvolvimento de um pensamento crítico. Sabe-se que o sujeito latino-americano só consegue existir como um “hiperator” (PINHEIRO, 2016) já que não lhe são oferecidos, durante a sua trajetória, insumos, suportes e recursos para a formação de si mesmo. Para as classes menos favorecidas, as soluções são propostas por intermédio do próprio indivíduo ou de pessoas mais próximas, o que gera uma sensação de mérito, como se o problema só pudesse se resolver daquela maneira e a partir daquelas pessoas.

Portanto, o fato do PEAC ser uma instituição que deveria ser oferecida para todos mas não o é, faz com que tenha um papel muito maior do que inserir a(o) aluna(o) na universidade. O desenvolvimento de pensamento crítico e de senso coletivo é resultado do suporte oferecido por uma instituição criada a partir de educadores e educandos que estão dispostos a enfrentar um sistema que exclui e maltrata determinado setor da sociedade. Além de popularizar os ambientes acadêmicos, o PEAC constitui, então, um espaço no qual há desconstrução de ideias de uma população que foi (e é) obrigada a agir a partir da individualidade para poder existir.

Considerações finais

Esta pesquisa revelou a percepção de estudantes a respeito de um PVP e permitiu identificar que participar deste espaço educacional trouxe mudanças para esses educandos. Primeiro nos deparamos com o fato da grande maioria dos e das estudantes saberem do projeto através de familiares, amigos ou pessoas conhecidas, ao invés da internet e redes sociais, que são muito utilizadas no meio jovem. Conseguimos perceber que espaços não tradicionais de educação, como é o caso deste PVP, são capazes de trazer para a reflexão das e dos estudantes questões políticas, socioeconômicas, psicológicas e, além disso, trazer mudanças na vida dessas pessoas, utilizando a educação como força motriz, seguindo os princípios e ensinamentos de Paulo Freire para formar cidadãos críticos.

Agradecimentos

À Capes pela bolsa de estudos da primeira autora deste trabalho.

Referências

- CARVALHO, M.M. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil: uma comparação entre 2003 e 2013. **Economia Aplicada**, n. 2, v. 19, p. 369-396, 2015.
- CARVALHO, M.G.A construção das identidades no espaço escolar. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227, jul. 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- GADDOTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, pesquisa em extensão universitária, Brasília, n. 1, v. 18, p. 10-32, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACIEL, K.F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, n. 2, v. 2, p. 324 -344, 2011.
- PINHEIRO, L.R. (Org.) **Itinerários versados: questões, sintonias e narrativas do cotidiano**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016. p. 49-70.
- SILVA, R.M.; GUIMARÃES, P.S.; SOUZA, E.M.S.; CARVALHO, W.L. Expansão da educação superior nas entidades federais do Brasil: a exemplo - Universidade Federal de Goiás (UFG). In: CONGRESSO NACIONAL DE MESTRADOS PROFISSIONAIS EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 1., 2016, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba: PROFIAP, 2016. Disponível em: <<http://www.profiap.org.br/profiap/eventos/2016/i-congresso-nacional-de-mestrados-profissionais-em-administracao-publica/anais-do-congresso/41482.pdf>>. Acesso em: 14 Out. 2018.